

Cinema
de
Arte

promoção
organização
direção
do

Acervo Digital

Walter

da Silveira

Clube de Cinema da Bahia



12 . Novembro - 1966

“O ASSASSINO”

(“L’assassino”)

FICHA TÉCNICA

Realização — Elio Petri

Argumento — Antonio Guerra e Elio Petri

Roteiro — Elio Petri, Antonio Guerra, Massimo Franciosa
e Pasquale Festa Campanile

Música — Piero Piccini

Fotografia — Carlo di Palma

Montagem — Ruggiero Mastroiani

Interpretação — Marcello Mastroiani, Salvo Randone,
Andrea Cecchi, Cristina Gajoni, Paolo Panelli

Produção — Titanus, 1961

Embora próximo dos cinquenta anos, Elio Petri pertence à última geração cinematográfica da Itália, aquela que surgiu ou se afirmou nos anos 60. Romano de 1929, abandonou os estudos técnicos para fazer carreira jornalística na imprensa esquerdista, principalmente no diário “L’Unità”. Seu ingresso nos estúdios o fez argumentista-roteirista, sobretudo de Giuseppe de Santis e Carlo Lizanni, tornando-se assistente de direção daquele. A seguir, são vários documentários até à estréia na longa metragem com “O assassino”, cujo êxito se repete no ano seguinte com “Os dias são numerados”.

O tratamento da realidade em Elio Petri, como nos demais cineastas importantes da década atual, o distancia dos métodos neo-realistas. Aproxima-se bastante das pesquisas mais válidas do cinema-verdade. É um estilo que recusa todos os constrangimentos narrativos, psicológicos e romanescos habituais. Prefere um exame crítico da realidade. Como já observou, à liberdade de sua crônica Petri acrescenta a coerência de um ponto de vista com o encargo de opor o personagem ao meio, o ator ao cenário. Também conforme foi lembrado, há nêle a conjugação de um certo domínio da realidade social, típico do cinema italiano, com uma procura de nova linguagem fílmica, característica do cinema francês. Ou como disse Jacques Joly: Petri seria o cineasta que melhor faria a síntese entre o cinema em liberdade e o cinema sob engajamento. A forma talvez se inspirasse um tanto nos processos de Jean-Luc Goddard: o espírito negaria de todo essa contemplação fascinada o herói irreal própria ao líder da nouvelle vague.

Em “O assassino” confronta-se um dândi à italiana com a organização policial de um estado autoritário. Ao mesmo tempo que um estudo dos métodos policiais e da vida burguesa, o filme se transforma numa espécie de inquérito sobre “um belo rapaz”, sua verdade humana e social, realizado com a liberdade de construção dramática que marcou por exemplo “Acossado” de Goddard ou “Os incompreendidos” de François Truffaut. O relato ilustra bem até que ponto o novo realismo italiano tende para a pesquisa do homem implantado em seu ambiente, suas relações causais, como ainda há pouco nos mostrava magnificamente “Salvatore Giuliano” de Francesco Rosi.

Aqui, a soltura da linguagem e da visão coloca-se a serviço de um ângulo determinado sobre o mundo, passa a método de perquirição. De início, a mirada de um meio preciso. Em seguida, a introdução de um homem certo nesse meio certo. Por fim, o olho crítico do cineasta que capta a verdade das relações homem-meio segundo uma ótica pessoal e reúne realidades parciais num todo ao mesmo instante verdadeiro, crítico e poético, (“Cahiers du cinéma”, n. 131).

Acervo Digital

Walter da Silveira

PRÓXIMOS PROGRAMAS:

Dia 19 — “As amigas”, de Michelangelo Antonioni

Dia 26 — “A moça com a valise”, de Valerio Zurlini